

Editor)
F. E. SALGUEIRO

ASSINATURAS

Ano 65 cent.
Semestre 32
Trimestre 18

(PAGAMENTO ADIANTADO)

AVULSO, 1 CENTAVO

O Viroscas

(Ridendo castigat mores)

SEMANARIO IMPARCIAL COM PRETENÇÕES A HUMORISTICO

Proprietário, director e administrador: — ARNALDO JULIO MARTINS

Redacção e administração: — Rua da Avenida, n.º 6

Composição e impressão: Tipografia Caldense de José da Silva Dias — CALDAS DA RAINHA

PUBLICAÇÕES

Anunciam-se todas as publicações de que se receba um exemplar.

Accepta-se toda a colaboração, desde que não fira a nota politica nem ofenda susceptibilidades não se devolvendo porém os originaes ainda que não sejam publicados

Um alvitre

A imprensa local tem uma alta missão a cumprir, e essa missão, segundo o nosso modo de ver, é pugnar por tudo que diz respeito ao progresso da nossa vila.

E' dentro desta senda que o nosso semario caminha, e se por vezes gosta de rir com os seus assinantes e leitores, no fundo hão de ver que pugna sempre pelo progresso e pelo brilhante futuro desta terra, uma das mais importantes do nosso país.

Deixemo-nos de politica que somente serve para nos arrastar para uma série infinita de desgostos e dissabores, e cuidemos antes de levantar o nível moral da nossa povoação, ministrando-lhe a instrução devida, o elemento espiritual da sua existencia psiquica.

Possue a nossa vila um importante centro operario, mister é pensarmos desde já na fórmula mais racional de fornecer ao operario uma culta instrução.

O operario ceramico é muito diferente dos restantes operarios. O ceramico deve ser um artista, um modelador de beleza, partindo do ponto já se vê, que queiramos ver obras com o devido cunho de arte. A cultura do operario ceramico, não tendo meios para correr lugares onde possa ver bons modelos, tem que se restringir à leitura de bons tratados e à estampa, copia das obras de arte.

Ora, mister é confessa-lo, a leitura do operario chega até ao *Seculo*, somente. Não é num jornal assim formado que poderá achar leituras instrutivas para a sua arte.

¿Como remediar esta falta de instrução? Eis o nosso alvitre.

A Camara deveria fundar nesta vila uma biblioteca operaria que estivesse patente das 19 às 21, onde o operario encontrasse obras onde o seu espirito se recreasse.

Dirão que isso custará muito dinheiro, bem o sabemos, mas tudo começa pouco a pouco. Enviando a Camara uma circular a todos os homens de letras do nosso país expondo o fim da biblioteca, não haveria nenhum que se recusasse a oferecer as suas obras. E quando a Camara tivesse algum dinheiro disponível,

poderia comprar colecções de gravuras, copias de objetos e quadros, espalhados pelos mais notáveis museus do mundo.

O operario, à noite, indo instruir-se na sua biblioteca, encontraria largos horizontes para a sua imaginação, e assim a sua alma, as suas faculdades imaginativas ir-se-hião educando passo a passo, quasi inconscientemente.

Bem sabemos que vivemos em um meio em que todas estas idéas são *tolices*, mas não importa, o nosso alvitre a' fica. ¿Virá tempo em que seremos compreendidos?



Saudades intimas...

Perdi. Tudo deixei. Não tive nada
Que ficasse ali. Voel sosinho,
Bem como a rola que abandona o ninho,
E vim bem longe procurar pousada.

Peito em efficio, cantas pela estrada,
Na mente a falva embriaguez do vinho
Chego anciado ao termo do caminho
Que me conduz à plaga desejada.

Ardua tenda levando. Aqui agora
Seja a forja latente do trabalho
Em vez de sonhos místicos de outrora

Que apoz tantos castelos que caíram
Eu só escute a musica do malho
No campo de onde as illusões figuram.

Ameadora, 16-11-914 L. Ramos



Um pesadelo...

Altas horas da noite. Sono profundo...
Grande tumulto; muita gente gesticulando...
Vêm todos disfarçados... Uns vestidos de saloios, outros de chapéu alto e sobrecasaca... Serão conspiradores? Parecem!

Assaltam um hotel... Entram por uma janela... Acordam os hospedes. Saem para a rua acompanhados de um hospede que empunha uma guitarra. Descantes, concertos de assobio, etc., etc.

Quatro horas da madrugada...

Acorda o dormente. Olha em volta e vê com surpresa que não são conspiradores mas sim meia dúzia de pandegos que se divertem. São comerciantes, chefes de familia, etc. Que grande pouca vergonha e que grandes bebedeiras...

Irra...



Não é sem tempo!

Está quasi concluido o *toldo* dos Armazens do Chiado. Agora estão tratando de lhe fazer a caixa de zinco para resguardo.

—Oh! Montez! Quantos anos serão ainda precisos para ficar pronto?

A Engeitada

Eram os senhores Meireles, pessoas de alguns haveres, de muita consideração, respeitabilidade e já avançados em idade.

A julgar pelas apparencias difficilmente se poderia encontrar outro matrimonio tão feliz, se é que é possível alcançar a felicidade neste mundo de illusões.

O sr. Cesar de Meireles, e sua esposa D. Placida faziam doze anos de casados e apenas tinham conseguido que um ano depois do seu casamento o Senhor lhes concedesse um formoso pequerrucho, que veio encher de alegria aquela habitação até ali tão tranquila e aprazível.

Os pais, loucos, com o seu filhinho, ambicionaram mais. Seria tão bonito e teriam nisso imenso prazer se a Providencia divina lhes dispensasse uma menina.

Porém Deus não quiz atender esses desejos e passaram onze anos, ao fim dos quais o sr. Cesar propôz á sua condescendente esposa a ir buscar uma menina ao hospicio dos expostos.

Assim o fizeram.

Um dia, apresentaram-se no escritorio do director da misericórdia e depois de terem largamente falado, dirigiram-se a um espaçoso jardim onde uma enorme multidão de meninas estava entretida com os seus jogos infantis.

Entre aquélla massa que se agitava, encontrava-se uma linda pequenita de uns dez anos de idade, de louros cabelos, olhos azues, emfim um conjunto de anjo.

Uma pequena medalha da «Virgem dos Abandonados», pendia do seu gracioso peito.

—E' tão bonita, não é verdade? Gostas dela? perguntou o hom do senhor Cesar a sua esposa.

—Já sabes que os teus gostos são os meus, respondeu a condescendente D. Placida.

E aquélla criança que não conheceu seus pais, encontrou naquellas duas almas nobres o que até então não conhecia: —Carinho, protecção e amparo.

Celeste dos Desamparados, era este o nome da pequenita, cresceu, e transformou-se em uma mulher formosa como a luz do dia, alegre como a primavera.

Aquellas duas crianças que, juntas brincaram á sombra dos copados platanos que aformoseava o jardim de Cesar de Meireles, agora, na praia, sentados sobre a branca areia, contemplava com arruobamento a imensidade do oceano, cujas vagas aménas, traziam até si as minusculas ondas de alva espuma, ao mesmo tempo que trocavam frases ternas e amorosas que, insensivelmente, se infiltravam em suas almas juvenis e tão ávidas de amor.

Fatal dia foi para os namorados, aquéle em que Cesar de Meireles teve conhecimento das boas intenções que, seu filho Dario, tinha para com Celeste.

Ficaram agonitos ao contemplarem aquéle

homem, sempre tão repleto de carinho e de bondade, transformar-se em uma fera, negando-se tenazmente a sancionar a felicidade daqueles dois seres que junto dele cresceram e que pareciam nascidos um para o outro.

Tanto Dario como Celeste não se atreviam a levantar os olhos do chão nem tão pouco podiam convencer-se de que era verdade o que estavam presenciando.

Os dois atribuíram esta recusa à diferença de classes. Cesar não consentiria nunca que o seu primogenito desse o seu nome a uma *engaitada*.

Celeste, chorando, pensava em seus pais, seres imaginários que para ela não existiam.

Cesar de Meireles, velho, doente, e preso de horribes sofrimentos, faleceu meses depois de ocorrida esta scena.

Poucos dias depois do tenebroso acontecimento, encontravam-se D. Plácida, seu filho e Celeste, os três, muito tristes, no escritório que fora de Cesar de Meireles. A sua tristeza era tão profunda que parecia presentirem alguma coisa de anormal e que não tardaria saberem. Acabavam de encontrar um envelope lacrado a preto, em uma das gavetas da secretária.

Com mão trémula, D. Plácida quebrou o lacre e em alta voz leu:—Atendei a confissão de um moribundo:—«Celeste e Dario, não podem casar, porque são irmãos! Que eles me perdoem!... morro sem ter podido abraçá-la e dizer-lhe:—«Filha querida da minha alma!... sou teu pai!»

Que sua mãe me perdoe do céu, pelo muito que sofri na terra.»

E assim ficou sem amparo paternal a pobre *engaitada*.

S. Heitor
actor

P'ra consumidor vêr...

Vimos no «Seculo» do dia 10 do corrente uma tabela que o «Diário do Governo» tinha publicado e na qual estabelecia o preço dos ovos a retalho, no concelho das Caldas, a \$22 a duzia.

Pois no mercado de domingo ultimo, ninguém os comprou a menos de \$24 e \$26 e na quinta-feira estavam a \$28.

E os outros generos estão na mesma! Mas para que servem afinal as autoridades? Voltaremos ao assunto porque bem o merece.

Vida normal

Sob esta epigrafe dizia a «Lucta» dum destes dias:

«Os teatros, em Paris, vão reabrir. Quer dizer, a vida, na capital franceza, torna-se normal, o que significa uma plena confiança no resultado final da guerra.

«Talvez não pareça razoavel que Paris folgue, abertos os seus teatros, os seus cirauos, os seus «cine», os seus «bars», enquanto milhares de francezes se batem na fronteira, e são arrazadas pela metralha alemã algumas cidades e vilas da França.

«Mas que demonio! Nem toda a gente pôde estar na fronteira, e a vida dum grande Paris deve continuar, com a integralidade possível, em todas as circunstancias.»

Em certas circunstancias ha-de ser um bocado difficil. A falta de homens que por lá deve haver.

Entre dois amigos:

—Porque não me queres emprestar os cem escudos que te peço? Acaso não tens confiança em mim? não está no meu rosto a honradô bem impressa?

—Sim, está, não o nego. Mas tem algumas erratas de imprensa.

Horacio Steipi

DE RASPÃO

O palacio das dôres

Estou certissimo que todo aquele que ler o titulo deste artigo, julgará que venho hoje tratar dalgum palacio na Belgica ou em França, onde os seus habitantes, ao som dos obuzes, sofreram as mais cruéis dôres; não senhor, venho tratar dum assunto bem diverso que se relaciona com o bem estar fisico de todo aquele que vive nesta vila ou de qualquer forasteiro que nela permaneça algum tempo.

Fala-se muito na construção dum *chale*, onde todo aquele que sofra dalguma dôr de barriga ali possa ir aliviar as suas inferiores maguas. Devemos confessar que a ideia é deveras simpática para alguns pois todos sabem o que é andar à brocha, sem ter nenhum sitio capaz para se aliviar, minutos de tortura, horribes, de pôr os cabelos em pé! Segundo consta o local será um canteiro do parque junto à casa da côrça. Até aqui vai tudo muito bem, mas quanto ao seu estilo, aí é que a porca torce o rabol. Deve-se pensar, desde já, no architecto que hade fazer o plano. Pois hoje em dia deve-se olhar à parte higienica, senão todos que passarem proximo, fugirão logo com o perfume! Deverá também ter varias secções para os doentes diversos, não só relativamente ao sexo mas à côr politica que professam.

Então julgam que um talassa, sófra ele a maior dôr de barriga deste mundo, tem coragem de se assentar no lugar onde estivera um republicano? Uma menina elegante, onde estivera uma salôla?

Embora todos aproveem tal construção, nós lavramos desde já o nosso protesto! Dizem que o *chale* fica assim muito à mão; ora palacios deste genero nunca estão à mão! Depend: do lugar onde começa a dor de barriga.

Achavamos muito melhor o hospital mandar fazer sacas de couro, que seriam colocadas a todos que entrassem no parque, à custa duma modica quantia, não seria um belo rendimento?

O Bispo do club seria encarregado de os guardar e enquanto à colocação seria aberto um lugar por concurso com provas publicas.

Estou certo que este meu alvitre será muito discutido, pois o mestre Matias que conta fazer o desenho do dito palacio, fará toda a guerra possivel. Mas não faz mal, da minha parte é um meo conselho, nada mais!

Conheço alguém a quem o sacco ficaria a matar...

MIGUEL DA PONTE

Bôa viagem

Para Lisboa partiu na passada semana a nossa compatriota *Meia libra*, para onde foi contratada para dar um concerto.

Expediente

Aos nossos presadissimos assinantes que ainda estejam em débito pedimos a finêsa de enviar a importancia da sua assinatura, em estampilhas, podendo também mandar satisfazer a esta administração todos os dias das 11 ás 12 ou das 18 ás 19 horas.

AS CUNHAS DAS BÓRLAS

Não conhecem? Pois estiveram aí esta época em que se fartaram de *encostar* uns e outros. Mas sério; não conhecem as Cunhas? As *Cunhas das borlas*, como em Lisboa são conhecidas na visinhança, atento o feito especial que tem para as arranjarr.

Dá-lhes o furo.

E' o seu pratinho predilecto.

Coisa que elas saibam que é a borla,—festa, comida ou objecto—ai as teem a furar a furar, até arranjarem bilhete de admissoão, senhá ou até mesmo a apparecerem sem arranjarem nada disso, fiadas em que, com a sua apparencia de gente endinheirada, ninguem lhes negará entradas, ou lugar à meza.

—E assim succede quasi sempre.

Durante o tempo que estiveram nas Caldas era vê-las sempre em toda a parte onde se não pagava.

Era no Parque á hora dos concertos, era á noite ás janelas do Club. Elas foram todos os dias ao concurso hipico, lá para cima onde se vê de borla!... E sempre assim... Se havia um chá no Parque das Faianças lá iam elas estrada fóra ao cheiro do chasinho.

Constava-lhes que *Fulano* ou *Clerano* fazia anos, e que havia festa rija...

Zás, chaspelinhos nas respectivas cabeças e —truz truz— á porta do festejado, ás 4 horas da tarde.

Conversa daqui, conversa dali, chegam mais visitas e elas fingem-se admiradas:

—Ha festa cá em casa?

—São os anos de meu marido.

—Ora que feliz acaso! E nós que nos tinhamos esquecido! Se soubessemos não tinhamos vindo. Viemos incomodar.

—Ora essa! Não diga tal!

E daí ao convite para o jantar não tardou uma loja de barbeiro.

—E o que tinha mais — lembrava a dona casa— era que o ano passado se dera igual coincidência...

Houve no teatro Pinheiro Chagas o sarau pela banda de infantaria e elas sabendo que as S... iam para um camarote, ás 19 horas e meia em ponto, eis as três pespegadas em casa das S...

—Como passaram por ali, subiram a fazer um visitasinha...

As S... coitadas, como viram que se não viam livres dêlas, tão cedo, declararam que iam ao teatro e delicadamente—por dever de officio— convidaram-as.

Nem se pergunta se elas aceitaram!...

São assim as *Cunhas das borlas*.

Em Lisboa até vão ao Grandela em dias de distribuição de balões.

—Elas não querem os balões para nada; mas só pelo vicio, para não perderem a *berlasita* pedem a visinha de cima que lhes empreste a filhinha e lá vão *estender* ao balão.

Ha dias em que a coisa está mais difficil; não ha nada de graça, está o diabo.

Mas tanto barafustam, tanto lêem os jornais por todos os lados que lá dão com a inauguração de um estabelecimento para que foram convidados, entre outras pessoas, os jornalistas.

Fazem-se, então, encontradas com um que elas sabem tambem nunca falta aqueles *servicinhos* e lá vão com ele á taça de *champagne* da ordem.

Ao domingo é já sabido, passeio na Avenida de tarde á hora da musica e á noite recita no Club Dramatico—dançante, d'onde são assiduas frequentadoras nos espectaculos de borla porque sempre que se trata do beneficio para o cofre do Club... elas estão doentes.

—Assim vivem as *Cunhas das borlas* as mais perfeitas *borlistas* de profissão.

—E aqui para nós que ninguem nos houvesse, *Cunhas das borlas* ha-as aí por todos os cantos...

(Imitação)

Arjumar

TEATRO RAPIDO

Uma surpresa

(Comédia drama em 4 actos)

PERSONAGENS

Procopio Pindorgas (velho abastado, grandes suíças).
Ferdinando Picuinha (proprietário duma casa de hóspedes, tipo baixo, atarracado).
Micotas Picuinha (sua esposa, nova e simpática).
Eocardo Teves (administrador do concelho, meia idade, homem de respeito).
Adalberto Topes (relojeiro).

1.º ACTO

A scena representa a sala de entrada duma casa de hóspedes

Procopio Pindorgas entra e pede a Ferdinando que lhe alugue um quarto. Este sai para dar as suas ordens. Entretanto chega Micotas, cumprimenta Procopio e este agradando-se dela estabelece uma conversação bastante animada. Ferdinando volta e Procopio oferece-se para auxiliar os donos da casa monetariamente para o desenvolvimento da mesma, o que eles aceitam.

2.º ACTO

O mesmo scenario.

Procopio conversa animadamente com Micotas. Ferdinando entra pela E. A. e sai pela D. B. depois de ter dito que vai fazer umas compras. Procopio continúa conversando amigavelmente com Micotas e diz-lhe constantemente que lhe vai fazer uma grande surpresa.

3.º ACTO

Na cosinha da casa de hóspedes

Procopio vai a atravessar a scena quando batem á porta. Vai abrir e entra Adalberto sobraçando um grande relógio de sala que põe em cima duma mesa. Procopio paga a respectiva importância e Adalberto retira-se. Chega Micotas a quem Procopio diz: — Ora aqui tem a grande surpresa. Esse relógio é para si!

4.º ACTO

Na administração do concelho—Gabinete do administrador

Procopio passeia agitadissimo e murmura: — Quem me mandaria a mim ser tolo. Hão de passar-me para cá tudo que lhes dei.

Entra Teves e em seguida Ferdinando e Micotas.

—Então o que ha? pergunta Teves.

—Estes senhores — responde Procopio — tem em sua casa varios objectos que eu paguei. Quero que m'os restituam; principalmente um relógio de sala.

Não senhor—diz Micotas—esse cavalheiro ofereceu-me o relógio de que fala e o mais que lá está. Por isso não temos nada a restituir-lhe.

—Nesse caso—diz Teves—nada possa fazer sem provas do que afirmam.

Saem todos muito zangados.

Arjumar

Alviçaras

Dão-se a quem entregar ao nosso amigo Cesar Coelho da Silva uma *trousse* com ferramenta, pertencente á sua motocicleta e que ele perdeu no caminho de Peniche ás Caldas.

Segundo nos informam este nosso presado amigo anda deveras arrelaido por este motivo e está resolvido a reaver a ferramenta perdida *dé por onde dér*. Por isso prevenimos todas as officinas de serralheria de que se acuatelam, não comprando quaisquer peças da dita ferramenta que lhes vião oferecer, porque se arriscam a ficar sem ellas.

—Quem vos avisa, vosso amigo é...

Na Rua do Jardim

—Sejas bem apparecida; já não ha quem te veja!

—Não tenho saído, estive muito constipada.

—Isso não admira é fruta do tempo.

—Eu constipei-me outro dia quando sai do baile dos operarios.

—E' verdade! Agora por bailes. Este ano tem havido poucos, parece que já passou mais a grande influencia.

—Não digas isso. A rapaziada das Caldas não passa sem bailes.

—Sim, isso é certo. E será difficil encontrar terra em que se dance mais do que nesta.

—Imagina tu que a furia por esse divertimento é tal que até as Palmeiras tem dado bailaricos lá em casa.

—Oh! filha! mas isso deve ser medonho. Com certeza que estremece o predio todo.

—Os visinhos ás vezes tem a ilusão que são tremores de terra.

—Quero crêr. Todas elas gordas daquela maneira.

—E o Serapião com aquele modo adamado. Se o visses fartavas-te de rir.

—Faço ideia!

—Sabes o que me fazem lembrar quando estão a dançar?

—O quê?

—Umir apoteose de revista: O cancan dos projecteis para os canhões de 42.

Mais uma

Anda com mui pouca sorte,
 A Rua Miguel Bombarda;
 Pois por diversos motivos,
 O seu concerto bem tarda.

Arranjaram-na 'té meio,
 E podem crer no que digo:
 Não acabam, falta a pedra,
 Diz Vasconcelos amigo.

Duvido qual o motivo,
 Porque não se pode acabar:
 Será por falta de pedra,
 Ou de massa p'r'a comprar?

Sendo assim, proponho que
 Do *Viroskas* a redacção,
 Abra para esse fim,
 Uma grande subscrição.

Arjumar

E' só o que falta

O *Seculo*, de quinta-feira passada publicava uma gravura representando «os alemães barbeando-se em Charlevoix».

Qualquer dia publica alguma gravura representando os alemães *fazendo serviços imprescindíveis*...

O que é a grande informação!

Diversões

Salão High-Life

(Rua Camões)

Continuam agradando bastante os espectadores neste Salão. Para hoje e amanhã anunciam-se programas magnificos.

Salão Central

(Convallescença)

Tem causado sensação as magnificas fitas apresentadas por esta casa de espectaculos, sendo de prever que igual successo obtenham as que se anunciam para hoje e amanhã.

Para uso de certas pessoas...

Padre Nosso dum devoto do Deus Bacho.

Santo abafadinho que estás na pipa, purificado sejas sempre, sem agua; venha a nós o teu liquido, para ser bebido á nossa vontade, assim na taberna como em casa. Três quartinhos por cada hora nos dai hoje perdoai-nos ás vezes quando bebemos menos, assim como nós te perdoamos o mal que ás vezes nos fazes; não nos deixeis cair arrelampados e tivrai-nos da policia. Amen.

Frigideira de miolos

SECÇÃO CHARADISTICA

Decifrações do n.º 6,

1—Apologia. 2—Reinação 3—Caldas. 4—Castelo Branco. 5—Ardente. 6—Segredo. 7—Abraça. 8—Chalupa. 9—Sinos. 10—Cautela, tela. 11—Bengala, gala, la. 12—Quem canta seu mal espanta.

1.º decifrador

Oinotna

(Dez)

CHARADAS

EM VERSO

Sem mim não pode haver Deús,
 Bispo sim, cardeal não;
 As virgens podem ser virgens,
 Mas donzelas, sem mim, não.

Espifão mór

EM FRASE

2 Esta nota com esta nota, usa-se no calçado I-I
 Arjumar

3 Nesta igreja a nota e o pronome fazem uma medida. I-1-1

4 Tenho direito, com juizo a este homem. I-2

5 Marche de banda para esta terra. 1-2

Riohet

Electricas

6 Ás direitas e ás avessas é tola—4

Pitogga

7 Este fruto tem cheiro.—3

Arjumar

Adicionadas

No campo—2

—lé—

Conduz—3

9 Vila—2

—lés—

Mulher—3

Riohet

Maçada geografica

10 Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

Cá inda ha ladras

Espifão mór

Frases e ruas

11 Formar o nome duma via publica das Caldas com as letras da seguinte frase:

Deus orando dis: Creiam na lira T!

Espifão mór

Enigmas

Por iniciats

O B J P S S J
 1 1 3 1 1 2

Arjumar

Em cartão pergaminho, pasta, linho de 1ª qualidade, marfim e bristol.—**ULTIMA NOVIDADE em tipos de fantasia e de fino gosto, exclusivamente para este genero de trabalho**

Bilhetes de visita

Tipografia Caldense

DE

José da Silva Dias

Rua José Malhõa, 5 a 11

CALDAS DA RAINHA

(CASA FUNDADA EM 1906)

Trabalhos tipograficos em todos os generos tais como: Revistas literarias e scientificas, placards prospectos, memoranduns, facturas, participações de casamento, obras de livros, mapas, etc.

Trabalhos de luxo e de côres

SEMPRE EM DEPOSITO: Folhas agricolas, notas de expedição, guias de remessa, recibos de inscrições e coupons, para professores (renda de casa e expediente). Grande stock de impressos judiciaes

Completo sortido em artigos de escritorio

Encarrega-se de todos os trabalhos de zincografia, galvanoplastia, fotogravura e carimbos de borracha

Modicidade nos preços

Perfeição e rapidez

Bilhetes postais ilustrados

Com lindas colecções de fantasia e lindas vistas de Caldas, Obidos e Peniche

Esta casa recebeu ha pouco um completo sortido de tipos de fantasia e vinhetas modernas, podendo assim competir com outras casas suas congeneres

Oficina de Encadernação anexa á Tipografia